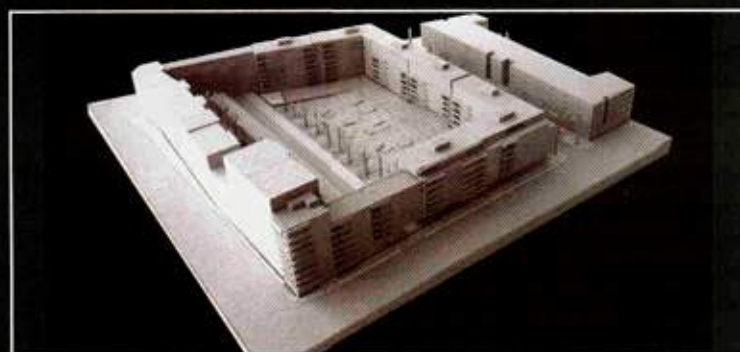


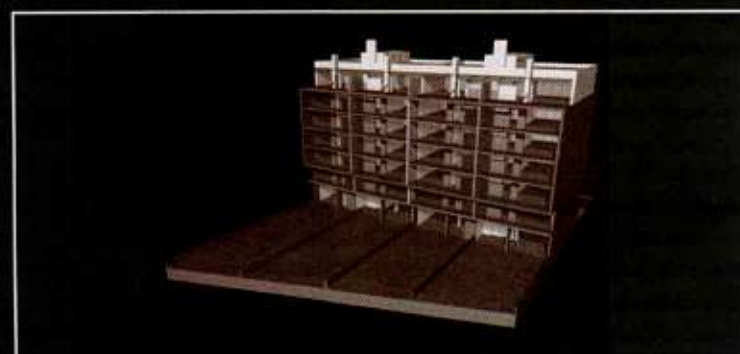
PORTFOLIO



Condomínio Habitacional na Av. Aida - Estoril



Condomínio no Campo Pequeno - Lisboa



Condomínio na Quinta dos Arcos - Setúbal



Condomínio de Moradias na Quinta Vale Verde - Estoril

HCA

Racionalidade funcional

Filipe Gil e Ana Baptista

Uma arquitectura racional, funcional e com grandes preocupações de inserção no local», é assim que Humberto Conde define o trabalho que se faz no HCA, ateliê de arquitectura e planeamento. Aí, tenta criar-se uma linha própria, com referências nacionais de Siza Vieira e Souto Moura e internacionais de Jacques Herzog e Pierre de Meuron.

«Fazemos uma arquitectura contemporânea, acima de tudo que se identifique com os dias de hoje, com a maneira de viver actual. Não quer dizer que não tenha referências do passado em certas situações ou até na própria inserção no local», diz Humberto Conde.

«Tentamos perceber o que está edificado em determinado local para poder integrar lá o que quer que seja», explica. Esta é uma preocupação um pouco esquecida em Portugal, onde o lucro tende a influenciar a arquitectura, segundo o responsável. «O nosso trabalho é extremamente complexo. Há sempre duas incompatibilidades, a nossa e a do promotor. São interesses diferentes que é preciso conjugar», comenta.

O ateliê

Humberto Conde formou o HCA, em 1993, logo após ter terminado a sua licenciatura na Universidade Lusitana. Mais tarde estabeleceu uma parceria com os arquitectos Américo Melo e Paulo Figueiredo, formando o ateliê HRA. Hoje, conta com mais dois arquitectos a tempo inteiro no ateliê e com nove colaboradores, dos quais quatro arquitectos, quatro engenheiros e um paisagista. Um total de 14 pessoas empenhadas no rigor, «na pesquisa de

novos materiais, tecnologias e novas formas de habitar», diz Humberto Conde. O HCA opera nas áreas do urbanismo, da arquitectura, da arquitectura de Interiores e da reabilitação e, em 11 anos de vida, já realizou uma multiplicidade e diversidade de projectos, na habitação, comércio, serviços, hotelaria e restauração. Contudo, ultimamente, é na área da habitação (moradias, apartamentos) onde têm feito mais trabalhos. «Não é uma especialização nem uma tendência, apenas têm surgido mais projectos com essas especificidades», explica.

Obras e projectos

Das obras mais marcantes que assinaram, Humberto Conde destaca o Hotel Olissipo, na Costa do Castelo, o edifício para habitação na Rua António Enes, em Lisboa, e algumas moradias na Charneca da Caparica. Contudo, o arquitecto destaca um condomínio de 14 apartamentos no Estoril, em construção perto do Casino, como sendo o mais arrojado de todos os seus projectos. «É o nosso projecto que vai mais de encontro àquilo em que queremos transformar a nossa arquitectura, devido ao tipo de revestimentos exteriores e da intervenção que foi feita», explica o responsável.

Actualmente, Humberto Conde tem em mãos, juntamente com os sócios da HRA, um condomínio de 170 fogos e um hotel com 200 quartos, no Campo Pequeno, um projecto realizado em parceria com a RPM, um ateliê alemão.

O ateliê está a desenvolver outros três, todos para habitação: um edifício de 10 fogos em Cascais; a Quinta dos Arcos, dois edifícios em Setúbal, que ficaram concluídos recentemente e um outro condomínio em Bicesse, no Estoril. ■

Ligações com a Alemanha

A RPM é um ateliê de arquitectura alemão, sediado em Munique, com quem o Humberto Conde está a colaborar no projecto do condomínio do Campo Pequeno. Um trabalho que já se arrasta desde 1995, vindo do anterior mandato municipal e que agora tem luz verde para avançar. Uma relação que tem sido «interessante», uma vez que «os alemães têm uma forma de trabalhar um pouco diferente da nossa. São muito pragmáticos e racionais», confessa Humberto Conde. É a primeira vez que trabalham em conjunto, uma colaboração que «pode estender-se a outros projectos». Em Portugal, o ateliê tem ligação com outro gabinete, o HRA, com o qual colabora em vários projectos.

«Alguns promotores imobiliários só vêm a arquitectura através do lucro»

Filipe Gil e Ana Baptista

Humberto Conde, responsável pelo ateliê HCA, critica alguns promotores imobiliários que actuam no mercado nacional pela falta de visão em relação a certos projectos arquitectónicos. No entanto, ressalva que tem tido a sorte de trabalhar com os promotores da «nova geração», mais sensíveis a essas questões. Aprova os projectos que os arquitectos de renome poderão construir em Lisboa e elogia a actual direcção da autarquia da capital pela celeridade com quem tem tratados os licenciamentos. E, sublinha a «importância política» da actual direcção da Baionária da Ordem dos Arquitectos.

Construir (C): Como avalia o estado actual da arquitectura em Portugal?

Humberto Conde (HC): A arquitectura nacional está a caminhar no bom sentido, mas ainda há muito a fazer. O problema da arquitectura é que deve ser feita por arquitectos, tal como noutras profissões, o

que não queira dizer que é sempre sinónimo de boa arquitectura. Já que há uma formação prévia é óbvio que essas pessoas tem mais aptidão. Outra questão tem a ver com a promoção imobiliária...

C: Como assim?

HC: Porque alguns promotores imobiliários só vêm a arquitectura através do lucro, e nada mais para além disso. Muitas vezes esse pensamento não está só no lucro imediato, mas na poupança dos materiais utilizados, que tentam sempre serem os mais baratos. E isso influencia negativamente os projectos.

C: E como é que o seu ateliê faz o diálogo entre o arquitecto e o promotor?

HC: No nosso caso concreto, temos tido resultados muito positivos, trabalhamos com promotores da nova geração que compreende a nossa linguagem. E temos tido boas experiências. Normalmente, aquilo que propomos é aceite pelo promotor. Temos

tido sorte. Mas, na maioria dos casos, não têm conhecimentos de arquitectura e têm medo de arriscar.

C: Nunca se falou tanto de arquitectura em Portugal (nos media, principalmente), há quem diga que está na moda. A quem, ou a quem, atribui esse mediatismo?

HC: A arquitectura está, de certa forma, ligada ao poder político, e qualquer autarca gosta de ter obra feita. Actualmente está a dar-se muito importância à arquitectura por causa disso, e também através dos novos nomes que estão a surgir. Mas o facto de se escrever mais sobre arquitectura é muito positivo.

C: Mas quando se passeia pelas cidades portuguesas parece que os arquitectos não fazem as cidades?

HC: Uma das razões é porque muita da arquitectura não é feita por arquitectos. Estamos muito atrasados em relação à Europa, mas vamos chegar lá. Mas outras das questões tem a ver com os promotores imobiliários que não se preocupam muito com aquilo que permitem edificar, preocupam-se somente com a parte lucrativa. Há nas cidades, como em Lisboa e Porto, exemplos bastante interessantes da arquitectura actual e bem integradas na malha urbana.

C: Mas existem tantos arquitectos no mercado, como se pode resolver esse assunto? Através do decreto-lei 73/73?

HC: A questão é política, mas é necessário que se trave o excesso de pessoas a formarem-se em arquitectura. E o decreto-lei 73/73 não está 100 por cento em vigor. Vai ajudar, mas deve-se formar dependendo das necessidades do mercado.

C: E como analisa os projectos dos arquitectos Norman Foster e Frank Gehry para Lisboa?

HC: Acho bastante positivo, e é bom ver grandes nomes da arquitectura a intervir nas cidades portuguesas. É um forma de promover o país. Desde que sejam pessoas com capacidades e obra feita, que possam acrescentar alguma mais às nossas cidades. Assim como os arquitectos portugueses

fazem no estrangeiro. Não me choca serem arquitectos estrangeiros, fico mais chocado com os maus projectos sejam eles portugueses ou estrangeiros.

C: E o que pensa da construção em altura que poder nascer na zona de Alcântara?

HC: O PDM permite construir até aos 25 metros. Aqui no ateliê temos um problema por causa da construção em altura. Num dos nossos projectos, no Campo Pequeno, só podemos construir até àquela altura. E no quarteirão existe construção com 11 pisos, e nós só podemos fazer até nove pisos. É um mau exemplo de um gaveto, pois teremos uma rua com pisos descontinuados, ficando uma má resolução. No caso das torres de Siza Vieira é um assunto diferente, mas acho que pode ser uma mais valia libertar o solo. A construção em altura deve ser ponderada caso a caso. As cidades são feitas de referências e essa construção pode vir a ser uma referência importante.

C: E como vê o planeamento nas principais cidades portuguesas?

HC: Posso falar mais sobre Lisboa porque é a cidade da qual tenho mais conhecimento. As coisas estão melhores. A Câmara Municipal de Lisboa, actualmente, é mais célere em termos do licenciamento dos projectos. As coisas estão a funcionar melhor. E depois tem de se parar com a construção nova, temos de ir para o caminho da reabilitação dos edifícios, o que permite fazer coisas muito interessantes. Acho que a cidade está no bom caminho, e, na questão da demora dos processos, a actual direcção da CML está bastante melhor que a anterior.

C: Como avalia a acção da actual direcção da Ordem dos Arquitectos?

HC: No cômputo geral tem sido positiva. A actual presidente da direcção da OA, Helena Roseta, é uma pessoa mediática e com capacidade política. Há questões da Ordem que têm de ser políticas. Na Assembleia da República há advogados, engenheiros, mas pouco arquitectos, precisamos de mais pessoas em cargos políticos com poderes de decisão. A minha avaliação é positiva. ■



Humberto Conde
arquitecto

Eduardo Costa